



MEMÓRIA

A VOZ E VEZ DA REDAÇÃO: RELATOS ACERCA DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO TELEJORNALISTA BRASILEIRO - EDUARDO COUTINHO

Valquíria Aparecida Passos Kneipp¹

RESUMO: Eduardo de Oliveira Coutinho, mais conhecido como Eduardo Coutinho foi um cineasta e jornalista brasileiro, que desenvolveu técnicas específicas para documentário. É considerado como um dos maiores documentaristas do Brasil. A marca registrada dele era realizar filmes que privilegiavam as histórias de pessoas comuns. Ao longo de sua carreira Coutinho realizou 3 longas de ficção, 13 documentários (longas) e 8 documentários (curtas e medias metragem). Além disso, teve uma passagem pelo Globo Repórter e contribuiu para a formação do telejornalista brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: *Televisão. Eduardo Coutinho. Documentário. Telejornalismo.*

ABSTRACT: Eduardo de Oliveira Coutinho, better known as Eduardo Coutinho was a Brazilian filmmaker and journalist, who developed specific techniques for documentary. He is considered as one of the greatest documentarists in Brazil. His trademark was to make films that favored the stories of ordinary people. Throughout his career Coutinho realized 3 longs of fiction, 13 documentaries (long) and 8 documentaries (short and half measures). In addition, he had a passage through Globo Reporter and contributed to the formation of the Brazilian journalist.

KEYWORDS: *Television. Eduardo Coutinho. Documentary. TV journalism.*

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: valquiriakneipp@yahoo.com.br

Introdução

Durante a pesquisa de doutorado realizada de 2005 a 2008, na Escola de Comunicações e Artes da USP, sobre a “trajetória de formação do telejornalista brasileiro” foram entrevistados 37 jornalistas que trabalharam ou trabalham em telejornalismo, divididos em cinco décadas (1950, 1960, 1970, 1980 e 1990). Destes personagens que contaram como se deu a formação do telejornalista no Brasil, até o momento, cinco faleceram. Para relembrar as contribuições destes jornalistas, as entrevistas realizadas com eles durante a pesquisa estão sendo publicadas em uma série de cinco edições da Revista Alterjor. Nesta edição, o terceiro entrevistado é Eduardo Coutinho, que faleceu em 02 de fevereiro de 2014, no Rio de Janeiro. Nas próximas edições Paulo Roberto Leandro (faleceu em 24 de janeiro de 2015) e Carlos Alberto Ballut Vizeu (faleceu em 05 de outubro de 2016). A entrevista que segue abaixo foi realizada no dia 16 de junho de 2008, no Rio de Janeiro. Quando cheguei para a entrevista encontrei Eduardo Coutinho aspirando um inalador – usado para falta de ar e crises de asma. Ele foi de pronto explicando que tinha enfisema pulmonar, mas na sequência desligou o inalador e acendeu um cigarro.

Valquíria Passos Kneipp: Qual é a sua formação profissional?

Eduardo Coutinho: Eu abandonei o curso de direito no segundo ano, mas continuei fazendo colando, fazendo segunda chamada. Cheguei ao quarto ano vai. Acho que cheguei ao quarto ano. Daí fiz um curso de cinema na França, por acaso. O curso do Idec que era... Na época. Voltei pro Brasil em 60 e daí trabalhei...

VPK: Você também é jornalista?

EC: Eu não fiz curso de jornalista. Eu trabalhei em jornal três anos, na revista Visão de 57 a 60. Daí fiz cinema. Abandonei cinema e trabalhei no Jornal do Brasil de 70, 71 a 75 e de 75 a 84 trabalhei no Globo Repórter. Depois larguei tudo e só tô em cinema.

VPK: Quanto tempo você trabalhou no Globo Repórter?

EC: No Globo Repórter foram 9 anos.

VPK: Como que você foi trabalhar em televisão?

EC: Eu fui trabalhar em tevê porque eu trabalhava no Jornal do Brasil. Tinha largado o cinema e daí, o meu chefe no Caderno B Nilson Alves foi pra tevê Globo e me chamou para trabalhar no Jornal Nacional, mas pagava muito mal, pagava igual ao Jornal do Brasil, eu não quis. Daí ele voltou a chamar uma segunda vez e também continuava a não me interessar por salário. E daí naquela época mesmo que ele me chamou, ele soube que tinha lugar no Globo Repórter por acaso. Ele falou: - é no Globo Repórter. Eu falei: - eu topo. O Globo Repórter estava mais ligado, programa semanal, tinha o inferno da censura que tinha o Jornal Nacional e tudo. E o Globo Repórter tinha mais a ver com cinema. Daí eu aceitei e fiquei lá 9 anos.

VPK: Qual era a experiência exigida para trabalhar em televisão?

EC: Eles tinham cara de cinema, Walter Lima era funcionário lá. Só que o Walter Lima, por exemplo, era diretor de cinema, eu tinha sido. Eu era o funcionário mais integrado assim. Era igual. Eu na verdade filmava, traduzia e editava, eu era pau pra toda obra. E o Walter geralmente trabalhava como diretor, quer dizer, eu fazia tudo e às vezes certos filmes, certos programas eu saía pra filmar. Às vezes fazia textos pros outros, eu traduzia, e adaptava. O que pintasse eu tinha que fazer. Eu tinha que saber escrever. Como tinha trabalhado em jornal e cinema.

VPK: Qual era a função que você exercia?

EC: O diretor do programa era o Paulo Gil, o chefe de redação era Washington Novaes, eu era um dos diretores, mas enfim dirigia filme, editava filme, fazia texto para filme. O Walter Lima era o diretor também só dirigia. Ele saía pra dirigir e nós fazíamos o trabalho de tradução, o dia a dia do programa seguramente. Então ele me chamava para dirigir o departamento de filmes e outros se chamavam diretores. Diretores mas não no sentido de dirigir o programa. Dirigia o programa Paulo Gil Soares. Dirigia o conjunto das coisas.

VPK: E como você foi trabalhar em televisão com a visão de cinema que tinha?

EC: Eu estava no jornal há três anos, então escrevendo, fazendo no cinema. Segundo, eu nunca tinha feito documentário, eu fui fazer documentário na televisão. Se fazia pouco documentário, eu não fiz nenhum, eu não fiz o do Farkas, que o que começou a fazer documentário no Brasil. Se fazia muito pouco documentário. Eu fui pra lá e comecei a fazer uma coisa que às vezes era reportagem, às vezes era meio documentário. Então pra mim foi maravilhoso, só que 9 anos, os primeiros 4 foram bons, depois... passou a ser desinteressante, mas os primeiros 4 anos, que esses programas tinham uma parcela de documentário maior – foi ótimo, seja observando o trabalho dos outros, seja fazendo o meu. Eu fiz nesses anos todos, acho que, eu dirigi seis programas de 30, 40 minutos integrais. Dirigi alguns menores. Editei vários, enfim. Mas então pra mim foi muito lucro, passei a filmar e aprendi a fazer documentário com o Globo Repórter.

VPK: *E qual era a dificuldade? Você tinha liberdade para escolher os temas?*

EC: Não toda dificuldade que você tem numa televisão. Tinha ditadura, tinha censura, portanto tinha uma censura. Mas do ponto de vista formal tinha mais liberdade, todos tinham mais liberdade do que hoje. Do ponto de vista formal. Agora se tinha problemas, se tinha prazos, se tinha programas que durava 30, 45 minutos e tal. Tinha que os dividir em blocos, tinha que botar o texto do locutor, que dificilmente tinha, sempre se queria o locutor que era o Chapelin. Tinha repórter locutor, tinha repórteres contratados para às vezes acompanhar ou pesquisar, mas enfim. Havia todo o plano de uma indústria, só que na época havia a liberdade, que deixou de existir há 20 anos. Não tem nada a ver com o que era antes. É igual a outros programas. É igual ao Fantástico, todos os programas são iguais, só que maior, só isso. Então havia restrições de todo o tipo. Tinha que colocar o programa no ar. Trazia o programa em um dia, você mesmo fazia o programa. Era interessante fazer um programa em dois dias. Televisão é assim, tem um lado bom de quem faz e termina no dia da exibição. Terminava às nove da noite, ficava quarenta horas acordado. Tinha restrições e prazos. Eu até tive alguns privilégios, mas várias vezes não. Tinha que sair e voltar, e uma, duas semanas tinha que estar pronto. Isso são condições, que não impediam, que naquele tempo tivesse alguma liberdade, porque estava no mercado, havia uma ditadura de um lado. Agora briga de mercado não era como de hoje. Na época a Globo imperava já quase. Sabe que a ditadura de mercado

pode ser pior. Hoje a ditadura de mercado, de dez anos pra cá e agora mais do que nunca eles tem que brigar com a Record. Na época o SBT e tal. E na época não, era tudo muito decadente, a Bandeirantes nunca teve força... e isso facilitava porque o problema em televisão é ser competitivo, isto é, dar audiência.

VPK: E nessa época o Globo Repórter tinha uma audiência altíssima né?

EC: O Globo Repórter sempre teve audiência. Nenhum programa fica no ar se não tiver audiência. Se está no ar é porque dá audiência. Evidentemente a qualidade do que teve e tem sempre audiência é fazer filme sobre bicho. Na época que eu estive lá, sempre dava audiência filme sobre o corpo humano, medicina. As maravilhas do corpo humano era um filme estrangeiro, claro. Foi levado ao ar umas quarenta e cinco vezes, com câmera que entrava dentro e filmava. Imagine hoje, as câmeras o que fazem?! Naquela época já tinha esses filmes de coração e tal. Isso era um sucesso extraordinário e continua a ser, como filme sobre doença ou filme sobre mico-leão-dourado, as crianças adoram, as pessoas veem três vezes. Isso era o que salvava às vezes, não tem programa novo pronto, bota esse, repete.

248

VPK: Quais os programas que você mais gostou de fazer no Globo Repórter?

EC: Os programas que mais gostei de fazer no Globo repórter, o primeiro é “seis dias de Uri-Curi”, que foi ao ar em fevereiro de 1976. Eu estava lá há seis meses, saí para filmar a seca. Era para ir para outras cidades, eu fiquei numa só por minha vontade que é Uri-Curi em Pernambuco. Fiquei seis dias e voltei. Os programas brasileiros, segundo tudo indica nenhum era integral com o mesmo tema, só os estrangeiros. Três temas, dois temas, de dez minutos e tal. Esse programa seria para dez minutos. O Armando Nogueira disse dez minutos, teria outros dois temas. Daí, eu mostrei para o Washington Novaes e para o Paulo Gil, e disse que era impossível cortar, que ele ia ou integral ou quase integral, que não dava. Aí o Armando Nogueira foi lá, foi um momento histórico, porque ele nunca ia lá, na casa do Globo Repórter, que era outra fora da Globo. Ele viu o programa, e falou “realmente não dá para cortar”. Esse talvez tenha sido o primeiro programa de conteúdo nacional, que teve um programa inteiro. Depois passou a ser norma o programa ter um tema só. Não foi ao ar às nove horas da noite, por um

problema de carnaval, a censura exterior aprovou, o Armando aprovou. Mas teve um problema que estava em cima do carnaval, então acabou sendo: Globo Repórter Especial, que foi ao ar infelizmente às onze horas da noite, pouco antes do carnaval. Mas por razões não políticas, lamento que nove horas teria muito mais audiência. Esse foi o primeiro, que eu descobri o documentário. O segundo foi “Teodorico Imperador do sertão”, que é o melhor filme que já fiz no Globo Repórter. É um filme sobre um coronel, que possuía escravos, dono de almas, que foi feito exatamente na copa do mundo de 1978.

VPK: Você acredita que o telejornalismo brasileiro copiou o modelo americano?

EC: O telejornalismo foi sempre igual há quarenta anos e o Globo Repórter era normal, não só porque era um programa com quarenta minutos mais ou menos, mas porque ele era feito em filme e não em tape, portanto, ele era mais sujo, mais defeituoso do que o que era feito o resto, que era tudo feito em tape Umatic, filme riscado, filme reversível, que revelava e dava problema. E entrava no ar, então era problema. Em segundo lugar, não era feito no prédio da Globo e abria uma autonomia. O Globo Repórter era uma espécie de *kister*, era um pouco isso. E o sonho deles era transformar num produto da tevê Globo, e que se tornou, por dois motivos: um é o econômico e o evidente, a rentabilidade, se filmar em filme é um absurdo, é caríssimo, tem que revelar, etc. Então, primeiro passou para vídeo e depois passou a funcionar no próprio prédio da emissora. E isso foi inevitável tecnologicamente, mas do ponto de vista ideológico era manter uma suíte, toda a programação já havia em toda unidade, que tem hoje. Sabe o que a televisão almeja com isso? A grade, a suíte ter uma cara e tal. E o Globo Repórter passou a ser um programa controlado, do ponto de vista formal, coisa que não era. Do ponto de vista de telejornalismo não mudou nada, o que mudou em termos de jornalismo é que havia uma exceção, o Globo Repórter, que deixou de haver. E na verdade o problema da televisão é que se faz experiências em dramaturgia, que não se faz em jornalismo. Todo o núcleo Guel Arrais funcionou como uma experiência, com alguns pontos interessantes. No jornalismo não há experiências. Na área de jornalismo não se brinca, que é um grave problema.

VPK: Com o fim da utilização do filme, você continuou no Globo Repórter?

EC: Eu continuei porque precisava de dinheiro, eu estava fazendo o Cabra²- que é um filme, eu precisava de dinheiro da Globo. Eu fiquei mais três anos. Em 1982 passou para tape, passou para o prédio da Globo, e os diretores, como eu continuaram contratados com a função de acompanhar as filmagens, não para ser repórter. Aí eles começaram a chamar os repórteres da casa como Carlos Nascimento, Glória Maria e escambau. E a gente acompanhava sei lá para quê, porque eu sei como é isso, tem que fazer o quê? Imagem bonita. Para gerir a imagem. Eu estava fazendo o filme, fiz pouco essa época. Não me interessava, e, além disso estava fazendo o “Cabra”. E nesse período 1982-1984 estava uma crise porque o Paulo Gil foi tirado do Globo Repórter e colocado em outro lugar e o programa ficou um tempo fora do ar. Ficou meses, tinha programas esporádicos. Até voltar a ser semanal mesmo, com o Roberto Feith, que acho foi no fim de 1983. Mas durante um ano, um ano e meio, o Globo Repórter funcionou assim: um programa sobre Getúlio Vargas fazia, dois, três programas. Ajudava outros programas, como programa eleitoral, que tinha na época. Mas o Globo Repórter esteve fora do ar um tempo. Houve essa crise e depois voltou o Roberto Feith em 1983. Eu voltei em 1984, e com o Roberto Feith trabalhei poucos meses, eu me demiti para lançar o filme e não voltei mais. O Feith tentou manter ainda uma independência, se não estilística política maior, mas durou pouco. Ele saiu e foi fazer outras coisas, e daí a Globo assumiu o controle do programa e tem a cara da Globo hoje. Não se tem autonomia dentro da Globo. É um programa como qualquer outro dentro do jornalismo.

VPK: Era mais autoral, você tinha autonomia?

EC: Muitas vezes o Globo Repórter conseguiu ser autoral. Até porque havia freelance, que acabou, saiu da sessão, enfim, dezenas de cineastas, que fizeram o Globo Repórter. O Jorge Bodanzky é como chamava o Silvio Barc, João Batista de Andrade foi funcionário por anos. Gregório Bacic teve uma época e fez filme. O Roberto Salvá fez filme. Vários cineastas passaram por lá, como Osvaldo Bandeira fez um ou dois filmes. Eles eram contratados para fazer aquilo só. Gente de cinema que era convidado para fazer um programa. Era aceito ou não era aceito, era outro problema. Hoje quem faz são os funcionários.

² Cabra marcado pra morrer

VPK: Você poderia contar alguma história da redação daquele tempo?

EC: O período áureo do Globo Repórter vai até 1978 mais ou menos. De 1979 em diante as coisas pioram, e é um problema quando libera a censura em 1979 – a censura do exército militar, cria um outro problema político também. A censura passou a ser interna. Claro que antes havia interna também, mas passou a ser só interna. Eu posso dar um exemplo pitoresco de conteúdo, teve um programa do Getúlio, a morte do Getúlio, que foi entre 1979-1980. Foi um programa, onde entrou a carta testamento de Getúlio, um trecho enorme. Depois em 1982 pegou-se outro aspecto do Getúlio e tem a morte dele, e eu botei o mesmo texto da carta testamento. O Roberto Marinho telefonou para o Waltinho (Walter Clark), e eu estava na sala dele, naquela época o Brizola era candidato, Roberto Marinho disse: “não meu filho, não vale a pena”. Claro era o Brizola o problema. Waltinho me disse, duas horas antes do programa entrar no ar, para eu eliminar a carta testamento. Isso lembro que foi engraçado, porque era sete da noite. Eu falei está legal, não vou mexer na montagem. E ficou sei lá, três minutos com Réquiem de Mozart, sem texto, tempo danado em televisão, mas eu não troquei uma palavra e não tirei uma imagem. Isso é o que é mais engraçado. E sabe que eu nunca vi este programa. É um exemplo bem particular de como realmente em 1982 não valia a pena, em 1979 tudo bem. Nesse caso foi realmente mais baixo porque foi próprio Roberto Marinho pessoalmente, coisa que fazia raramente. Enfim, o Brizola podia se beneficiar por causa do Getúlio. Sempre aquela pinimba e tal. Depois virou o caso Proconsult. Isso eu vi, presenciei, o Waltinho falando com ele e me dizendo: “parece que não vale a pena, vamos cortar”. Eu cortei.

REFERÊNCIAS

KNEIPP, V.A.P. **Trajetória da formação do telejornalista brasileiro** – as implicações do modelo americano. Tese de Doutorado. Orientação: José Marques de Melo. São Paulo: PPGCOM-ECA-USP, 2008.

_____. **Eduardo de Oliveira Coutinho**. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 16 jun. 2008.